



Iniciação científica:

Educação, inovação e desenvolvimento humano

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Carla Linardi Mendes de Souza**
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021



Iniciação científica:

Educação, inovação e desenvolvimento humano

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Carla Linardi Mendes de Souza**
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Iniciação científica: educação, inovação e desenvolvimento humano

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Carla Linardi Mendes de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I56 Iniciação científica: educação, inovação e desenvolvimento humano / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André Ricardo Lucas Vieira, Carla Linardi Mendes de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-441-9
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.419213008>

1. Iniciação científica. 2. Educação. 3. Inovação. 4. Desenvolvimento humano. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador). III. Souza, Carla Linardi Mendes de (Organizadora). IV. Título.
CDD 001.42

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A obra “Iniciação Científica: Educação, inovação e desenvolvimento humano”, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas temáticas, ligadas à Educação, que a compõe.

Ao refletirmos sobre a Iniciação Científica percebemos sua importância para a Educação, pois permite o desenvolvimento do potencial humano que os envolvidos mobilizam no processo de pesquisa; ou seja, é o espaço mais adequado para estimular a curiosidade epistemológica, conduzindo a aprendizagens que podem nascer de problemáticas postas pelas diversas questões cotidianas.

Depois da mobilização ocasionada pelas diversas inquietudes que nos movimentam na cotidianidade e ao aprendermos a fazer pesquisa, entendendo o rigor necessário, nos colocamos diante de objetos de conhecimentos que exigem pensar, refletir, explorar, testar questões, buscar formas de obter respostas, descobrir, inovar, inventar, imaginar e considerar os meios e recursos para atingir o objetivo desejado e ampliar o olhar acerca das questões de pesquisa.

Nesse sentido, os textos avaliados e aprovados para comporem este livro revelam a postura intelectual dos diversos autores, entendendo as suas interrogações de investigação, pois é na relação inevitável entre o sujeito epistemológico e o objeto intelectual que a mobilização do desconhecido decorre da superação do desconhecido. Esse movimento que caracteriza o sujeito enquanto pesquisador ilustra o processo de construção do conhecimento científico.

É esse movimento que nos oferece a oportunidade de avançar no conhecimento humano, nos possibilitando entender e descobrir o que em um primeiro momento parecia complicado. Isso faz do conhecimento uma rede de significados construída e compreendida a partir de dúvidas, incertezas, desafios, necessidades, desejos e interesses pelo conhecimento.

Assim, compreendendo todos esses elementos e considerando que a pesquisa não tem fim em si mesmo, percebe-se que ela é um meio para que o pesquisador cresça e possa contribuir socialmente na construção do conhecimento científico. Nessa teia reflexiva, o leitor conhecerá a importância desta obra, que aborda várias pesquisas do campo educacional, com especial foco nas evidências de temáticas insurgentes, reveladas pelo olhar de pesquisadores sobre os diversos objetos que os mobilizaram, evidenciando-se não apenas bases teóricas, mas a aplicação prática dessas pesquisas.

Boa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Carla Linardi Mendes de Souza

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR: AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE FOMENTO À FORMAÇÃO DE PESQUISADORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Reginâmio Bonifácio de Lima

Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130081>

CAPÍTULO 2..... 18

ESTRATEGIA METODOLOGICA DE INNOVACION EDUCATIVA PARA LA RESOLUCION DE PROBLEMAS EN MARKETING ESTRATEGICO MEDIANTE UN MODELO INTEGRADOR

Mario Aurelio Coyla Zela

Wendy Vidangos Delgado

José Antonio Rodríguez García

José Luis Morales Rocha

Jarol Teófilo Ramos Rojas

Teófilo Lauracio Ticono

Solime Olga Carrión Fredes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130082>

CAPÍTULO 3..... 30

LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA NA BAHIA E OS CONHECIMENTOS GEOMÉTRICOS: COMO ACONTECE ESSA ARTICULAÇÃO AO LONGO DA FORMAÇÃO?

Leonardo Araújo Suzart

Américo Junior Nunes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130083>

CAPÍTULO 4..... 43

O NOVO PARADIGMA SISTÊMICO

Susana Iglesias Webering

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130084>

CAPÍTULO 5..... 60

COMPETÊNCIA DIGITAL AUTOPERCEBIDA DOS ALUNOS DA UNIVERSIDAD NACIONAL HERMILIO VALDIZÁN DE HUANUCO 2019

Nancy Guillermina Veramendi Villavicencios

Ewer Portocarrero Merino

Clorinda Natividad Barrionuevo Torres

Bethsy Diana Huapalla Céspedes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130085>

CAPÍTULO 6	73
UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DE ESTUDOS SOBRE FELICIDADE NO ÂMBITO ACADÊMICO	
Yasmin Martins Proença	
Priscilla Perla Tartarotti von Zuben Campos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130086	
CAPÍTULO 7	83
OCIAGOGIA COMO MODELO DE EDUCAÇÃO NA COLÔMBIA	
Diego Alejandro Palacios Amado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130087	
CAPÍTULO 8	96
O LÚDICO COMO ESTÍMULO À LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS	
Noemi Garcia Baptista	
Marina Peixoto Vianna	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130088	
CAPÍTULO 9	109
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NAS PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Jéssica Larissa Barbosa da Silva Valente	
Heldina Pereira Pinto Fagundes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130089	
CAPÍTULO 10	122
AFRICANIDADES: NOVOS CAMINHOS, PRIMEIROS PASSOS	
Izabel Espindola Barbosa	
Dariane Andrade Valle	
Charles Goiabeira de Amorim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300810	
CAPÍTULO 11	130
AS INFLUÊNCIAS DA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO INFORMAR EDUCAR E PROMOVER A SABEDORIA CIENTÍFICA	
Vanessa Pereira da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300811	
CAPÍTULO 12	141
EDUCAÇÃO DO CAMPO: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DOS ALUNOS CAMPONESES – 6º ao 9º ANO	
Iasmim Mesquita Paiva	
Elias Canuto Brandão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300812	

CAPÍTULO 13	156
CONTINUIDADE ENTRE ETAPAS EDUCATIVAS: ESTRATÉGIAS DE TRANSIÇÃO ENTRE O JARDIM DE INFÂNCIA E A ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA	
Luís Miguel Gonçalves de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300813	
CAPÍTULO 14	169
OFICINAS DE NIVELAMENTO, EXTENSIONISMO E PESQUISA DO PROJETO “APOIO À ANÁLISE DE ESTUDO DE IMPACTO DE VIZINHANÇA – EIV”	
Gilson Jacob Bergoc	
Thamine de Almeida A. Ayoub	
Miguel Etinger de Araújo Júnior	
Sandra M. Almeida Cordeiro	
Léia Aparecida Veiga	
Elisa Roberta Zanon	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300814	
CAPÍTULO 15	183
A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NOS TRÊS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Maria do Socorro Ramos Sousa	
Edjôfre Coelho de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300815	
CAPÍTULO 16	197
O JOGO DIDÁTICO: CONCENTRAÇÃO PARA O APRENDIZADO DO ESPANHOL	
José Eliziário de Moura	
Ana Lúcia Vidal Barros	
Ana Meire Alves da Silva	
César Claudino Pereira	
Paulo Eduardo Ferlini Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300816	
CAPÍTULO 17	208
OS REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NOS PROGRAMAS DE DOUTORADO BRASILEIROS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Cidllan Silveira Gomes Faial	
Eliane Ramos Pereira	
Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva	
Letycia Sardinha Peixoto Manhães	
Ligia Cordeiro Matos Faial	
Lívia Márcia Vidal Pires	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300817	

CAPÍTULO 18.....	223
A MATERIALIDADE DA ESCOLA PRIMÁRIA NO TERRITÓRIO DO ACRE NAS DÉCADAS DE 20 A 60	
Gerinalda de Souza Ferreira Elizabeth Miranda de Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300818	
CAPÍTULO 19.....	237
O MÉTODO DA PESQUISA QUALITATIVA DO FENÔMENO SITUADO. UMA CRIAÇÃO DO EDUCADOR BRASILEIRO JOEL MARTINS, SEGUIDA PELA PROFESSORA MARIA APARECIDA VIGIANNI BICUDO. AS ANÁLISES: IDIOGRÁFICA E NOMOTÉTICA	
Luiz Augusto Normanha Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300819	
CAPÍTULO 20.....	245
PRÁTICAS EDUCATIVAS E HABILIDADES SOCIAIS DE PAIS DE ADOLESCENTES COM TEA	
Lilian Ferreira do Nascimento Brunna Stella da Silva Carvalho Melo Ana Luiza Cavalcanti Bezerra	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300820	
CAPÍTULO 21.....	260
A ESSÊNCIA ONTOLÓGICA DO TRABALHO E SEU PROCESSO DE FINANCEIRIZAÇÃO	
Marcos Jeliel Souza Dacorso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300821	
CAPÍTULO 22.....	265
SAN NICOLÁS DE ESQUIROS Y SANTA MARÍA DEL REFUGIO. EL MÉTODO DIALÉCTICO CRÍTICO PARA SU COMPRENSIÓN	
Alejandra Ojeda Sampson	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300822	
SOBRE OS ORGANIZADORES	279
ÍNDICE REMISSIVO.....	281

CONTINUIDADE ENTRE ETAPAS EDUCATIVAS: ESTRATÉGIAS DE TRANSIÇÃO ENTRE O JARDIM DE INFÂNCIA E A ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA

Data de aceite: 20/08/2021

Data de submissão: 02/06/2021

Luís Miguel Gonçalves de Oliveira

Escola Superior de Educação e Ciências
Sociais do Politécnico de Leiria
Centro de Estudos em Educação e Inovação
(CI&DEI)
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
(CICS:NOVA.IPLeiria)
Leiria, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3946-4374>

RESUMO: Esta investigação procurou compreender alguns fenómenos complexos e dinâmicos como são a transição, articulação e continuidade educativa entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, assim como as aprendizagens e competências a realizar pelas crianças, na passagem entre estas etapas educativas. Assim, e recorrendo a um estudo de caso, com uma componente de investigação longitudinal, analisámos discursos, práticas e documentos de um agrupamento do centro litoral de Portugal com o intuito de compreender como se realiza a transição do JI para o 1.º CEB. As estratégias de articulação nem sempre são orientadas para uma transição eficaz e para uma continuidade educativa de qualidade. As crianças vivem esta passagem com menos ansiedade do que pais, educadores e professores, no entanto as diferentes abordagens dos docentes podem influenciar significativamente esta passagem entre etapas educativas.

PALAVRAS - CHAVE: Articulação, Continuidade Educativa, 1.º Ciclo Ensino Básico, Educação Pré-Escolar, Transição.

CONTINUITY BETWEEN EDUCATIONAL STAGES: TRANSITION STRATEGIES BETWEEN KINDERGARTEN AND ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT: This investigation intends to understand some complex and dynamic phenomena as are the transition, articulation and educational continuity between the Pre-School Education and the Elementary education, as well as the learning and skills to be achieved by children in the passage between these educational stages. Thus, using a case study with a longitudinal research component, we analyzed speeches, practices and documents of a group in the central coast of Portugal in order to understand how the transition from Pre-School to Elementary school is made. The articulation strategies are not always oriented towards an effective transition and to a continuous an educational quality. Children live this passage with less anxiety than parents, educators and teachers, but the different approaches of teachers can significantly influence the passage between educational stages.

KEYWORDS: Articulation, Educational Continuity, Elementary School Education, Pre-school Education, Transition.

1 | INTRODUÇÃO

A transição entre a Educação Pré-escolar (EPE) e o 1.º ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) é um importante desafio para a educação

no mundo, devendo traduzir-se numa passagem que, embora colocando novos desafios e exigências às crianças, garanta uma continuidade que se alicerce em aprendizagens realizadas. A transição entre estes dois contextos deve ser motivo de reflexão por parte de educadores, professores e investigadores, querendo-se devidamente fundamentada e planeada com intencionalidade educativa. É necessário proporcionar à criança uma passagem harmoniosa e de qualidade para a fase seguinte, que assente numa articulação curricular e num trabalho conjunto entre todos os intervenientes neste processo, nomeadamente educadores, professores, crianças e famílias.

A continuidade é uma exigência do processo educativo, não devendo por isso os professores e educadores de infância descurar o momento de transição da EPE para o 1.º CEB, momento privilegiado para que a criança desenvolva uma atitude positiva face à escolaridade obrigatória.

Emergem muitas questões quando pensamos na continuidade educativa. Para além do trabalho realizado nos jardins de infância (JI) e escolas e do trabalho realizado com as famílias temos também que pensar no currículo, nos modelos e metodologias utilizadas, na formação inicial e continua dos educadores e dos professores, entre muitos outros aspetos que influenciam a transição entre etapas educativas. Nabuco (1992) afirma que o insucesso no ensino básico tem como causa principal a descontinuidade existente na programação dos currículos e nos métodos de ensino.

Neste sentido e perante esta realidade, optámos por desenvolver o nosso trabalho com base na informação recolhida junto de dois tipos de dados empíricos. Por um lado, questionando os protagonistas do processo educativo, alunos, educadoras e professoras, em quatro estabelecimentos educativos do mesmo agrupamento escolar (dois JI e duas escolas do 1.º CEB, situados em duas localidades, uma em meio urbano e outra em meio rural); nesta etapa da nossa investigação acompanhámos e entrevistámos dois grupos de crianças no último ano da EPE, primeiro ano e quarto ano do 1.º CEB. Entrevistámos também as educadoras de infância e as professoras do 1.º CEB que trabalharam com estes dois grupos/turmas. Por outro lado, numa segunda fase, procurámos os contributos de especialistas com trabalho reconhecido no âmbito da EI e do 1.º CEB.

Com o objetivo de compreender como se processa a continuidade educativa, nomeadamente no que respeita à articulação entre etapas na transição do JI para o 1.º CEB, procurámos dar resposta a algumas questões, concretamente: Como os diferentes intervenientes (crianças, educadores e professores) perspetivam o processo de transição entre a EPE e o 1.º CEB?; Que competências das crianças os educadores e professores valorizam no processo de transição entre a EPE e o 1.º CEB?; Que práticas são desenvolvidas por educadores e professores do 1.º CEB para facilitar a transição e a articulação entre a EPE e o 1.º CEB? Como é que especialistas nas ciências da educação, interpretam e concebem as competências em contexto educativo, a transição e a articulação entre etapas educativas?

Iremos centrar-nos apenas em algumas estratégias relativas à transição e articulação entre etapas educativas. Apresentamos uma breve revisão bibliográfica, metodologia, dados do estudo e algumas conclusões.

21 DO CONCEITO ÀS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DA TRANSIÇÃO

As transições poderão ser encaradas como acontecimentos nos quais um indivíduo vive uma experiência de descontinuidade mas que ao mesmo tempo deverão promover respostas comportamentais ou novas asserções (Hopson e Adams, 1977; Brammer & Abrego, 1981; Formosinho e Araújo, 2004). Na maior parte das vezes as transições pressupõem uma mudança nas assunções que os indivíduos têm de si próprios e do mundo que os rodeia provocando alterações ao nível do comportamento e das relações (Oliveira-Formosinho e Araújo, 2004).

Após a análise de vários modelos Vernberg e Field (1990) isolaram um elemento comum salientando que “a transição é o momento em que o indivíduo se depara com um determinado número de tarefas, as quais representam exigências relativamente aos seus recursos adaptativos”. Estes autores esclarecem que estas tarefas podem ser de ordem psicológica, social, interpessoal e/ou comportamentais (Oliveira-Formosinho e Araújo, 2004, p. 28). Para Dunlop & Fabian (2007, p. 2) as transições podem ser encaradas como tudo aquilo que é suscetível de trazer descontinuidades.

Transição, para muitos autores, remete-nos para momentos de descontinuidade, no entanto também pode supor momentos de continuidade, se for bem pensada e trabalhada cuidadosamente pelos intervenientes. Independentemente do modo como é pensada e concretizada, a transição implica sempre efetuar uma passagem, atravessar as fronteiras de um ponto para outro, deixar o que é familiar para enfrentar o que é desconhecido e muitas vezes desafiador.

A utilização que fazemos do conceito de transição, no âmbito deste estudo, pretende referir-se ao período ou ao momento entre o final da EPE e a entrada na escolaridade obrigatória.

Vários estudos salientam a importância de uma boa transição entre o JI e o primeiro ano do ensino básico para que as crianças possam efetuar um percurso escolar de sucesso. Como já referimos, os momentos de transição entre ambientes educativos implicam algumas mudanças na organização do espaço, na organização do tempo e até nas metodologias utilizadas pelos docentes, no entanto poderão ser estimulantes para a criança. Contudo estes contextos, nomeadamente o JI e a escola do 1.º CEB, não poderão ser tão diferentes que deixem as crianças confusas e receosas (Nabuco, 1992).

Estamos então a referir-nos a um momento muito sensível da vida das crianças, com influência no seu percurso escolar, e que merece particular atenção por parte dos docentes. Qualquer alteração no bem-estar emocional durante a transição pode causar

preocupação e stress, levando a sintomas como fadiga, agressividade, descontentamento, desorientação ou inibição, podendo marcar de forma nefasta o percurso escolar da criança. Estes sintomas poderão prejudicar a capacidade de aprendizagem das crianças, com consequentes problemas motivacionais e de relacionamento (Fabian & Dunlop, 2007; Vasconcelos, 2009).

É portanto fundamental proporcionar às crianças uma boa passagem entre contextos educativos uma vez que as transições são momentos muito significativos, fundamentais para o bem-estar social e emocional das crianças assim como para a continuidade das realizações e desempenho cognitivo (Dunlop, 2003; Vasconcelos, 2009).

Stief (1994) citado por Lino (1998), fala ainda de programas de transição experienciados nos EUA e nos quais se constata que

as experiências de transição bem sucedidas trazem inúmeros benefícios para as crianças, contribuem para aumentar a sua autoconfiança, aumentar a sua motivação, melhorar as suas relações com outras crianças e adultos, possibilitar o contato com novas experiências e desenvolver um sentimento de confiança entre criança e adultos (p. 19).

Esta perspetiva da transição, como momento fundador e fundamental, como mote inicial que influencia todo um percurso escolar, remete-nos para um conjunto de questões, que importa refletir.

3 | METODOLOGIA DO ESTUDO

Este trabalho desenvolve-se em torno da problemática da transição entre etapas educativas e da articulação que lhes está subjacente com vista a uma transição de qualidade. Neste sentido, considerámos que a abordagem qualitativa, que permite um estudo em profundidade, seria a estratégia metodológica que melhor serve os objetivos desta investigação.

A “investigação qualitativa” pode ser encarada de diversas formas e com significados distintos. Muitos autores reconhecem a dificuldade de apresentar uma definição específica. Denzin & Lincoln (2000) qualificam esta investigação de genérica, vendo-a como “um conjunto de práticas e material interpretativo que tornam o mundo visível” (p. 3). Ainda dentro desta linha de pensamento os mesmos autores afirmam que “a palavra qualitativa implica ênfase nas qualidades das entidades, nos processos e nos significados que não são experimentalmente examinados ou medidos, em termos de quantidade, contagens, intensidade ou frequência” (Denzin & Lincoln, 2000, p. 8).

Assim, e recorrendo a um estudo de caso, com uma componente de investigação longitudinal, analisámos discursos, práticas e documentos de um agrupamento do centro litoral de Portugal com o intuito de compreender como se realiza a transição do JI para o 1.º CEB.

No que respeita a técnicas de recolha da informação pertinente para o

desenvolvimento do nosso estudo, recorreremos à entrevista. Recorreremos igualmente à pesquisa documental – com particular enfoque nos Projetos Educativo e Curricular do Agrupamento e nos Projetos Curriculares de Grupo/Turma dos educadores e professores envolvidos na investigação. Esta modalidade é considerada por vários autores como uma técnica muito utilizada em exclusividade ou complementaridade com outras técnicas de recolha e análise de dados.

Os guiões de entrevista que construímos nesta investigação serviram de orientação, funcionando como um guia para que os entrevistados pudessem falar sobre os conteúdos relevantes para o nosso estudo, procurando servir a dinâmica de uma conversação planeada. Foram aplicados a educadores de infância, a professores do 1.º CEB, a crianças e a especialistas em ciências da educação, seguindo igual estrutura dentro de cada um dos grupos, pois como refere Tuckman (1994, p.517) “(...) a apresentação das mesmas questões a diferentes pessoas é uma estratégia para obter uma variedade de perspetivas sobre essas mesmas questões”.

A tabela seguinte explicita os grandes blocos analisados pelos diferentes intervenientes, nomeadamente as questões do percurso, as características da EPE e do 1.º CEB, a transição entre a EPE e o 1.º CEB e as competências na EPE. Primeiro foram entrevistadas as educadoras de infância e no ano seguinte as professoras do 1.º CEB. Posteriormente foram entrevistadas as especialistas. As entrevistas decorreram nos locais de trabalho dos entrevistados.

Os blocos relativos às entrevistas das crianças são diferentes dos blocos das entrevistas aos outros intervenientes, nomeadamente Percurso Educativo (na entrevista no pré-escolar) e Adaptação ao 1.º CEB (já no 1.º CEB), Currículo/ experiências de aprendizagem, Estratégias de ensino e aprendizagem, Planeamento, avaliação e registo, Espaço, Relações e interações e Participação dos pais. No entanto, embora distintos, permitiram a triangulação dos dados principalmente com os dois blocos intermédios, nomeadamente O pré-escolar e o 1.º CEB e Transição da EPE para o 1.º CEB.

Entrevistados	Blocos Temáticos
Educadores de infância; Professores 1.º CEB e Especialistas	– Percurso académico e profissional; – O pré-escolar e o 1.º CEB; – Transição da EPE para o 1.º CEB; – As competências na educação pré-escolar
Crianças	– Percurso Educativo Adaptação ao 1.º CEB; – Currículo/ experiências de aprendizagem; – Estratégias de ensino e aprendizagem; – Planeamento, avaliação e registo; – Espaço; – Relações e interações; – Participação dos pais

Tabela 1 – blocos temáticos comuns da entrevista a diferentes intervenientes

A tabela seguinte sintetiza o processo de recolha de informação através da realização de entrevistas, indicando-se o período e o local onde foram realizadas, bem como os entrevistados envolvidos.

Tendo em conta os princípios de ética que devem acompanhar a realização de uma qualquer investigação assegurámos o sigilo da informação e o anonimato das fontes (Bogdan e Biklen, 1994; Morse, 1994; Valles, 1997; Olabuénaga, 2003). Portanto, privilegiando a confidencialidade dos dados apresentados neste artigo, fomos fiéis aos contextos e aos sujeitos, tendo atribuído nomes fictícios a cada entrevistado e local de investigação.

Do conjunto dos entrevistados só as especialistas são identificadas por serem personalidades reconhecidas com obra publicada, cujas perspetivas importava identificar e situar. A confidencialidade dos dados e anonimato da fonte de informação assegurados no início de cada entrevista facilitaram a abertura e à vontade na partilha da informação.

Fases	Etapas	Entrevistas	Estabelecimento	Intervenientes
Fase I	Etapa 1 EPE	1	Jardim de Infância do Bairro dos Plátanos	Educadora: Dina
		2		Crianças: Luísa, Sónia, Sofia, Marta, Nancy e Joana
		3	Jardim de Infância do Pessegueiro	Educadora: Ana
		4		Crianças: João, Vasco, Carla, Rita, Sandra e José
	Etapa 2 1.º Ano do 1.º CEB.	5	Escola do 1.º CEB do Bairro dos Plátanos	Professora: Teresa
		6		Alunos: Luísa, Sónia e Sofia
		7		Professora: Lúcia
		8	Escola do 1.º CEB do Pessegueiro	Alunos: Marta, Nancy e Joana
		9		Professora: Branca
		10		Alunos: João, Vasco, Carla, Rita, Sandra e José
	Etapa 3 4.º Ano do 1.º CEB	11	Escola do 1.º CEB do Bairro dos Plátanos	Professora: Teresa
		12		Alunos: Luísa, Sónia e Sofia
		13		Professora: Lúcia
		14		Alunos: Marta, Nancy e Joana
		15	Escola do 1.º CEB do Pessegueiro	Professora: Tininha
		16		Alunos: João, Vasco, Carla, Rita, Sandra e José
Fase II	Etapa I Especialistas	17	ESE de Lisboa	Teresa Vasconcelos
		18	U. Aveiro	Gabriela Portugal
		19	U. Católica	Maria do Céu Roldão
		20	U. Minho	Luísa Alonso

Tabela 2 – Entrevistas realizadas nas diferentes etapas e fases do estudo

Nesta investigação, procedemos à análise de conteúdo para tratamento dos dados, entendendo-a como um conjunto de procedimentos metodológicos que visa a produção de um texto analítico e que apresenta o corpo textual dos documentos recolhidos, de um modo transformado. O investigador, através de uma interpretação adequada, deve definir regras e justificar teoricamente essa transformação (Delgado & Gutiérrez, 1995). Laurence Bardin (2000, p.42), defende que a análise de conteúdo visa “obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (...) que permitam a influência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Relativamente ao contexto de recolha de dados, a investigação desenrolou-se num agrupamento de escolas do centro litoral de Portugal, nomeadamente num JI e numa escola do 1.º CEB, junto à sede do agrupamento (Plátanos) e num JI e numa escola do 1.º CEB, distantes da sede do agrupamento (Pessegueiro).

4 I ESTRATÉGIAS FACILITADORAS DA TRANSIÇÃO

Ao considerarem a transição entre a EPE e o 1.º CEB fundamental no processo educativo, as educadoras e as professoras entrevistadas referem, todas, a necessidade de uma melhor articulação no sentido da continuidade entre etapas educativas por forma a precaver desfasamentos prejudiciais para a educação das crianças, revelando algumas estratégias que poderão facilitar a transição entre estas duas etapas educativas.

A educadora Dina, do JI dos Plátanos, relatou momentos importantes de partilha de trabalhos, considerando fundamental o contato das crianças com a professora do 1.º CEB. Mencionou que o facto de ter existido alguma afinidade com a professora facilitou o contacto. Acrescentou, contudo, que nos últimos anos não houve contactos formais entre educadores e professores do 1.º CEB, no agrupamento Júlio Pomar.

Para Gabriela Portugal os educadores de infância, para poderem organizar uma boa transição das crianças para o 1.º CEB, deverão conhecer o que se faz no 1.º CEB, perceber a criança, as suas necessidades e interesses, dinamizando momentos de partilha diversos entre os dois contextos.

Teresa Vasconcelos levanta a hipótese de criar comunidades de aprendizagem alargadas ao 1.º CEB questionando as reais diferenças entre a EPE e 1.º CEB: “(...) *No sentido de ir aferindo diálogos. Será que é assim tão diferente [o Pré-escolar do 1º CEB]?*” (Entrevista 17 – Vasconcelos, ESE Lisboa).

A educadora Ana, do JI do Pessegueiro, considera que as atividades em conjunto funcionam como ponte de aproximação entre educadores de infância e professores do 1.º CEB. Menciona, ainda, a iniciativa de alguns agrupamentos de levar as crianças do pré-escolar a conhecer o espaço físico do agrupamento. Refere um intercâmbio entre JI como experiência positiva e acrescenta que projetos semelhantes também deveriam acontecer

com o 1.º CEB. Esta educadora sublinha, no entanto, que nunca participou em projetos com professores do 1.º CEB. Descreve momentos de interação “pontuais” entre os dois contextos mas, considera não ter havido interação entre as crianças.

Para Maria do Céu Roldão, muitas vezes as visitas das crianças do JI às escolas do 1.º CEB acabam por ter um efeito perverso contrário à intenção dos educadores e dos professores, ou seja ao invés de funcionar como uma estratégia de conhecimento e identificação com o contexto educativo seguinte, acaba por haver um *efeito de cascata* influenciado pelo poder social de cada nível educativo. Nestes casos quando dois níveis educativos são postos em contacto é sempre o nível mais avançado a influenciar o nível anterior. A *cascata* processando-se de cima para baixo faz, muitas vezes, com que o trabalho que se desenvolve no JI assuma precocemente uma formatação escolar. E dá um exemplo para ilustrar esta ideia: “os miúdos vão ver a escola do 1.º CEB e depois propõem à educadora que também querem as cadeiras todas em fila e experimentar fazer como viram os crescidos fazer” (Entrevista 19 – Roldão, U. Aveiro).

Portanto, quando existe um esforço de trabalho colaborativo entre os intervenientes destes dois contextos, não é o 1.º CEB a adquirir características da Educação Pré-escolar mas sim o contrário. Este efeito “*radica nas culturas profissionais e na escassez de discussão dos processos de trabalho*” (Entrevista 19 – Roldão, U. Aveiro). Os contactos entre níveis educativos raramente são bidirecionais porque o *efeito de cascata* faz com que a passagem dos modelos seja de cima para baixo.

A professora Teresa, da Escola dos Plátanos, e a professora Branca, da Escola do Pessegueiro, fazem referência à realização de projetos onde se integraram os dois contextos, no entanto com carácter pontual e único nas suas carreiras profissionais. A professora Lúcia, da Escola dos Plátanos, menciona um ótimo relacionamento com os educadores de infância com os quais tem realizado vários projetos em parceria e dos quais se diz gratificada. Menciona ainda a sua experiência como formadora do centro de recursos onde presenciou o desenvolvimento de excelentes trabalhos desenvolvidos por professores e educadores do mesmo modo que observou professores e educadores sem qualquer ligação entre eles.

Luísa Alonso salienta a importância da passagem de informação entre educadores e professores. Da mesma forma considera importante que os educadores tenham também um bom conhecimento da escola do 1.º CEB.

A professora Teresa, da Escola dos Plátanos, referindo a falta de comunicação, como uma das causas da descontinuidade entre etapas educativas, sublinha como estratégias um contacto prévio das crianças do pré-escolar com o 1.º CEB e, aquilo que já fazem, a passagem de informação das crianças nas reuniões de docentes.

Teresa Vasconcelos, no que concerne à passagem de informação das crianças para o 1.º CEB, diz que “*em vez de estar a mandar fichas redutoras, formuladas em termos de objetivo, que não ajudam ninguém, defendo um portefólio de aprendizagens que defina as*

competências e fragilidades das crianças” (Entrevista 17 – Vasconcelos, ESE Lisboa).

A professora Lúcia, da Escola dos Plátanos, relata uma história pessoal que ilustra a importância e, ao mesmo tempo, a inexistência da passagem de informação entre o pré-escolar e o 1.º CEB.

Articulação entre o pré-escolar e o 1.º ciclo, eu utilizei a minha própria filha, (...) uma vez que era uma criança difícil, e a importância que tinha a preparação no jardim-de-infância para a entrada no 1.º ciclo. A entrada dela no 1.º ciclo tinha que ser muito bem preparada e essa boa preparação acaba pelo excelente conhecimento que o 1.º ciclo tinha que ter daquela criança ao recebê-la, a professora do 1.º ciclo nem entendeu muito bem quando a educadora mandou o relatório daquela criança. Fiz-me entender? Mas como mãe lutei e consegui... (Entrevista 7 – Prof. Lúcia, E. Plátanos).

A professora Branca, da Escola do Pessegueiro, destaca a importância de haver um processo individual das crianças no pré-escolar,

Se uma criança tem um período de aprendizagem para o nível etário em que está deve ser avaliada Também devia haver ... um processo [com a avaliação das crianças] desde o jardim ... Só há processos para esses casos pontuais, com deficiências mais do que comprovadas... (Entrevista 9 – Prof. Branca, E. Pessegueiro).

Teresa Vasconcelos sublinha, mais uma vez, a importância do portefólio, como instrumento caracterizador das competências reais das crianças, capaz de as ajudar no processo de transição para o 1.º CEB:

devia-se construir com as crianças portefólios que fossem descritivos das competências que elas demonstram (...) como evidências de que os meninos aprenderam e foram capazes de fazer, ou eventualmente também no que manifestaram mais dificuldades. Depois disso transita para o 1.º CEB. E o menino é acompanhado pelo seu portefólio (Entrevista 17 – Vasconcelos, ESE Lisboa).

Para Maria do Céu Roldão a passagem de informação, sobre as crianças, entre a EPE e o 1.º CEB quase não existe e quando existe nem sempre é a mais adequada, centrando-se na pré-sinalização e funcionando como pré-avaliadores geradores de expectativas: “[nem sempre a informação que vai do pré-escolar para o 1.º CEB é a mais adequada], há uma espécie de incomunicação”. Na maior parte das vezes, os professores do 1.º CEB utilizam apenas pré-sinalizações de casos problemáticos, produzindo por vezes o efeito Pigmalião:

[os professores de 1.º CEB] não partem [da informação sobre as crianças que vêm do pré-escolar]. Daquilo que eu vejo, a única coisa que os professores de 1.º CEB utilizam são as chamadas pré-sinalizações «este é um menino muito mal comportado, aquele é um menino com muitas carências afetivas...». Eu não digo que isto é sempre mau, apenas quando produz o efeito Pigmalião antecipadamente... (Entrevista 19 – Roldão, U. Aveiro).

A professora Lúcia, da Escola do Bairro dos Plátanos, diz conhecer as estratégias de transição pelo trabalho que desenvolve com as educadoras e pela sua proximidade, quer como mãe, quer pelas boas relações que mantem com elas.

Eu penso que cada vez mais as colegas daqui (...) sentem essa necessidade de se preocupar em preparar os meninos para essa transição (...) se calhar é uma coisa que temos que, que pensar a sério;

Existe sempre uma troca de impressões acerca dos meninos que estão aqui e que depois vão chegar à primária (...) essa troca (...) é oral nas reuniões (...) em Conselho de Docentes (...) e nas reuniões de avaliação (Entrevista 5 – Prof. Teresa, E. Plátanos).

A professora Branca, da Escola do Pessegueiro, diz desconhecer estratégias de transição mas considera que seria importante que no último período letivo, anterior à transição, se desenvolvesse trabalho em paralelo entre os dois contextos, “Deveria haver era no último período mais, um trabalho mais paralelo (...) uma integração para quando chegasse ao princípio do ano (...)” (Entrevista 9 – Prof. Branca, E. Pessegueiro).

Maria do Céu Roldão encara, para além da comunicação, o trabalho colaborativo entre educadores de infância e professores do 1.º CEB como uma das principais estratégias para uma transição de qualidade. Os educadores de infância e os professores do 1.º CEB veem as aprendizagens nos dois contextos como opostas. Não poderá haver continuidade educativa enquanto os docentes trabalharem individualmente, discutirem metodologias e afinarem conceitos: “os próprios educadores olham para a escola do 1.º CEB como uma espécie de dificuldade a ultrapassar e os do 1.º CEB acham que o que veio atrás foi um tempo em que os alunos não aprenderam nada. Portanto, o problema da aprendizagem é verdadeiramente escamoteado” (Entrevista 19 – Roldão, U. Aveiro).

Quanto ao desenvolvimento de projetos com a finalidade de trabalhar a transição entre a EPE e o 1.º CEB, ambas as educadoras dizem nunca ter participado em projetos com essa finalidade específica. A educadora Dina, do JI dos Plátanos, assume que talvez tivesse trabalhado a transição, sem pensar que poderia estar a “tocar” nalguns dos seus aspetos, como num projeto sobre segurança, que desenvolveu com uma professora de 1.º CEB. A educadora Ana, do JI do Pessegueiro, considera que os professores do 1.º CEB se fecham a essas iniciativas porque têm o programa para cumprir.

Teresa Vasconcelos afirma que as iniciativas destas estratégias deverão ser tanto dos professores como dos educadores, o importante é que sejam tomadas. Critica a tendência crescente para a obrigatoriedade de preenchimento de relatórios generalistas reforçando que é preciso que os educadores aprendam a fazer portefólios (Entrevista 17 – Vasconcelos, ESE Lisboa).

Gabriela Portugal considera a transição entre a EPE e o 1.º CEB “uma inevitabilidade que necessita de ser preparada e acompanhada pelos profissionais intervenientes, educadores e professores”. As questões relacionadas com a transição seriam,

substancialmente, minimizadas com a construção de um currículo elaborado por equipas dos vários níveis educativos a trabalhar em comum (Entrevista 18 – Portugal, U. Aveiro).

5 | CONCLUSÕES

Das opiniões das educadoras e das professoras, e partindo dos contributos das especialistas, pudemos encontrar inúmeras sugestões de estratégias facilitadoras da transição entre a EPE e o 1.º CEB, nomeadamente uma aproximação metodológica entre estas duas etapas, melhorar a comunicação entre educadores de infância e professores do 1.º CEB, através da partilha de experiências, de trabalho colaborativo ou de projetos comuns às duas etapas educativas. Também a construção de portefólios no JI, com competências das crianças, investindo na passagem de informação entre educadores e professores sobre as crianças, inclusivamente nas reuniões de docentes, poderia facilitar todo o processo de transição.

Seria importante que existisse um conhecimento mútuo dos dois contextos e se possível uma aproximação do ambiente da escola do 1.º CEB ao ambiente do JI, nomeadamente na organização dos espaços. Alguns dos intervenientes nesta investigação sugeriram ainda o contacto prévio das crianças do JI com o 1.º CEB assim como um maior investimento na adaptação das crianças no 1.º CEB partindo do que “trazem” do JI.

No sentido do que foi dito, seria importante, por exemplo, que nos agrupamentos os docentes, educadores e professores, pudessem discutir entre si o porquê das suas opções metodológicas para depois as debater com os colegas dos outros níveis educativos. Quando há diálogo entre educadores e professores as crianças não sofrem tanto com a transição entre etapas.

A dinâmica de transição entre a EPE e o 1.º CEB deveria implicar trabalho cooperativo e uma intencionalidade educativa muito clara por parte de educadores de infância e professores do 1.º CEB em que houvesse um conhecimento dos dois contextos educativos, comunicação e partilha de informação.

Seria fundamental uma aproximação metodológica entre a EPE e o 1.º CEB, mas para isso terá que haver vontade da parte de todos os intervenientes, nomeadamente educadores, professores e famílias. Romper com a preparação tecnicista para o 1.º CEB, apostando num trabalho mais centrado em aprendizagens que permitissem o desenvolvimento de competências.

Sendo que, como afirmou Roldão, o 1.º CEB esteve sempre “mais formatado” do que o pré-escolar, poderia haver mais estimulação, levar os alunos a perceber porquê, a problematizar, a discutir. Também seria importante haver mais sintonia ao nível dos documentos curriculares, e ainda nos processos de planificação e da avaliação para que as crianças pudessem ter um papel mais ativo planificando e avaliando as suas aprendizagens nos dois contextos, sendo que na EPE já há práticas que atendem a esta participação.

No entanto, muitas destas estratégias só poderão ser postas em prática se a construção e desenvolvimento dos projetos curriculares for da responsabilidade de equipas constituídas por docentes dos vários níveis educativos, num ambiente de verdadeiro trabalho colaborativo.

De facto, pudemos perceber que nem os educadores de infância nem os professores do 1.º CEB estão confortáveis com o modo como a transição, a articulação e a continuidade educativa estão organizadas, uma vez que há obstáculos que não facilitam a resolução do problema.

Ao elencarmos todas estas propostas não pretendemos apresentar uma “receita” para os agrupamentos, para os educadores e professores, mas apresentar algumas sugestões que poderão facilitar este processo de articulação e transição entre a EPE e o 1.º CEB. Trata-se de estratégias possíveis e desejáveis, mas que necessitariam da adesão dos docentes para que se pudesse resolver verdadeiramente o problema.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000. p.42.

Brammer, LM. & Abrego, PJ. **Intervention strategies for ooping with lranstitions**. The Counseling Psychologist, 9, 2, 1981. 19-36 p.

Delgado, J., & Gutiérrez, J. **Métodos y Técnicas Cualitativas de Investigación e Ciencias Sociales**. Madrid: Síntesis, 1995.

Denzin, N. & Lincolm, Y. **Handbook of qualitative research**. 2 ed. Thousand Oaks: CA Sage, 2000. p. 1-17.

Dunlop, W. A. Bringing Early Educational Transitions in Learning Throught Children Agency. **European Early Childhood Education and Research Journal - Themed Monograph**, No.1 “Transitions”, 2003. p. 67-86.

Fabian, H., & Dunlop, A. W. **Outcomes of good practice in transition processes for children entering primary school**. The Hague, The Netherlands: Bernard van Leer Foundation - Working Paper 42, 2007.

Hopson, B. & Adams, J. Towards an understanding of transitions: Defining some boundaries of transition. In J. Adams, J. Hayes, & B. Hopson (Eds.), **Transition: Understanding and managing personal change**. Montclair, NJ: Allenheld & Osmun, 1977. p. 1-19.

Lino, D. M. **A Transição entre os dois primeiros níveis de Educação Básica prespetivada através da utilização do espaço e dos materiais**. Braga: Instituto de Estudos da Criança - Universidade do Minho, 1998. p. 19.

Nabuco, M. E. **Transição do Pré-Escolar para o Ensino Básico**. Lisboa: Inovação, 1992.

Oliveira-Formosinho, J. e Araújo S. B. O apoio a processos de transição: construindo os direitos de uma criança vítima de maus tratos. **Infância e Educação: Investigação e Práticas**, 2004. 6: 135-149.

Tuckman, B. **Manual de Investigação em Educação – Como Conceber e Realizar o Processo de Investigação em Educação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 517.

Vasconcelos, T. **A Educação de Infância no Cruzamento de Fronteiras**. Lisboa: Texto Editores, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Andragogia 88

Antropogogia 88

Aprendizagem 60, 61, 62, 63, 70, 85, 86, 87, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 124, 126, 128, 130, 131, 132, 134, 136, 154, 159, 160, 162, 164, 165, 170, 184, 185, 186, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 242, 246, 250, 257, 258

Arquitetura 170, 182, 235

Autonomia 34, 43, 45, 50, 53, 54, 55, 57, 58, 74, 76, 78, 114, 190, 191, 192, 205, 258

C

Ciências 11, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 47, 50, 52, 57, 59, 96, 99, 100, 102, 104, 105, 107, 108, 129, 155, 156, 157, 160, 198, 208, 210, 211, 216, 221, 229, 231, 236, 238, 259, 279, 280

Competência digital 10, 60, 62, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 72

complexidade 33, 43, 47, 49, 50, 51, 58, 77, 106, 177, 188

Complexidade 43

Conhecimento 9, 4, 10, 11, 12, 14, 42, 43, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 61, 63, 74, 75, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 97, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 112, 113, 118, 120, 121, 123, 125, 127, 130, 132, 134, 136, 139, 147, 154, 163, 164, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 178, 181, 182, 187, 190, 194, 199, 201, 203, 205, 206, 209, 210, 211, 216, 218, 220, 221, 224, 231, 236, 239, 242, 249, 262

Conscientização 61

Cultura Material Escolar 223

Currículo 10, 11, 30, 110, 117, 119, 136, 157, 160, 166, 198, 244

D

Desenvolvimento 2, 9, 1, 2, 3, 5, 12, 13, 14, 16, 31, 42, 46, 47, 48, 54, 56, 57, 62, 70, 71, 77, 80, 82, 84, 98, 99, 104, 105, 113, 114, 116, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 130, 132, 134, 143, 154, 160, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 206, 207, 210, 219, 221, 225, 238, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 255, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 279

Desigualdades Regionais 1, 13

Didática 19, 25, 72, 91

E

Educação científica 17

Educação Física 12, 198, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221,

229, 230

Educação Matemática 30, 31, 32, 40, 41, 42, 279

Educación 16, 60, 70, 71, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 207, 277

Engenharia Civil 170, 182

Ensino Lúdico 96, 98, 100, 101, 104, 105

Equipe Multidisciplinar 169, 170

Escola Primária 13, 223, 224, 225, 226, 235, 236

Espaço Público 115

Espanhol 12, 67, 68, 69, 71, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 206, 207, 211

Estímulo à leitura 11, 96, 105

Extensão Universitária 122, 169

F

Financeirização 13, 260

G

Geometria 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 41, 42

Gerencia 18, 19, 22, 23, 24, 25, 27

Gestión 19, 25, 26, 277

H

História 1, 15, 17, 47, 52, 55, 56, 98, 106, 117, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 144, 145, 164, 188, 190, 198, 218, 219, 224, 230, 231, 235, 236, 245

I

Innovación 19, 21, 22, 26, 27, 92

J

Jogo 12, 144, 171, 172, 178, 179, 197, 202, 203, 204, 205

L

Licenciatura em matemática 37, 41

liderança 179

M

Marketing 10, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28

Metodologias Ativas 169, 173, 182, 202

Modelo 10, 11, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 43, 45, 49, 51, 52, 57, 70, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 113, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 173, 190, 210, 213, 223, 238, 240, 245, 247, 257, 258, 259, 269

O

Ocio 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Oficinas de nivelamento e integração 169, 182

P

Paradigma Sistêmico 10, 43, 44, 45, 49, 53, 59

Pedagogia 88, 89, 92, 93, 94, 95

Pesquisa Qualitativa 13, 4, 30, 41, 43, 57, 81, 111, 121, 209, 221, 237, 238, 239, 240, 242, 244

Precarização 260, 262, 263

Projeto Pedagógico 197, 199, 200, 203

R

Recreación 88, 93, 94, 95

Referencial Teórico 170, 208, 209, 212, 214, 215, 217, 219

Reforma Trabalhista 260

Relação Professor-Aluno 130, 132, 140

S

Sistemas 25, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 71

T

Território do Acre 13, 223

TIC 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70



Iniciação científica:

Educação, inovação e desenvolvimento humano

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2021



Iniciação científica:

Educação, inovação e desenvolvimento humano

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021